

OS PONTOS CEGOS DA MEMÓRIA: LINHAS DE FORÇA DA TEORIA CRÍTICA NA MONTAGEM DO FOTO-ROMANCE *LA JETÉE*, DE CHRIS MARKER

André Bueno
Elaine Zeranze

La jetée, foto-romance de Chris Marker, é uma pequena obra-prima. Em menos de trinta minutos, monta-se um filme feito de fotos fixas e uma só sequência em movimento. A montagem das fotos e da sequência em movimento é acompanhada pela leitura de um texto densamente poético e filosófico. O conjunto que daí resulta é de um estranhamento radical, passando longe e ao largo da multidão vazia de clichês, lugares comuns e estereótipos da indústria da cultura, nos termos já clássicos da crítica de Adorno e Horkheimer, assim como da sociedade do espetáculo, como se lê em Guy Debord.

O filme se passa no contexto posterior a uma III Guerra, nuclear, em que o protagonista, prisioneiro de campo em uma Paris devastada, é escolhido entre mil por ter fixação em uma imagem. Justamente a epígrafe do filme: “Esta é a história de um homem marcado por uma imagem da infância”. O que se tem em *La jetée* é a forma extrema de um estado de exceção como crítica radical do *progresso que promove regressão*, acompanhado de dominação e devastação da natureza elevadas a seu grau máximo. Nesse extremo da experiência empobrecida, nem mesmo a mais íntima memória do indivíduo está a salvo, sendo controlada nas experiências que projetam o protagonista no futuro e no passado. Na contramão, o protagonista vai atrás da imagem de um rosto de mulher, que guardou ou inventou. Busca assim um contraponto ao presente de ruínas e devastação. Busca imagens de quando havia vida – a mulher, as crianças, os parques, os jardins, Paris antes da destruição.



O magnífico efeito estético que *La jetée* provoca é resultado de uma forma muito original de relacionar imagem e texto, que são inseparáveis, compondo algo de novo e inusitado. Texto e imagem não se complementam, nem se explicam. Montam um outro espaço da percepção, que se pode muito bem ler como um *filme-ensaio*. Ao contrário do choque que embota a mente, o estranhamento da montagem de Chris Marker põe o pensamento em movimento. Essa forma de montar texto e imagem se aproxima daquilo que Eisenstein (2008) apreciava como método de montagem. Na representação do subterrâneo de Paris onde se situa o campo de prisioneiros, há referência direta ao cineasta russo e ao *Encouraçado Potenkin*, entre várias outras referências ao cinema, à fotografia e à literatura.

Raymond Bellour resume com precisão o sentido original de *La jetée*:

[...] esse filme condensa, em 29 minutos: uma história de amor, uma trajetória rumo à infância, um fascínio violento pela imagem única (o único da imagem), uma representação combinada da guerra, do perigo nuclear e dos campos de concentração, uma homenagem ao cinema (Hitchcock, Langlois, Ledoux, etc), à fotografia (Capa), uma visão da memória, uma paixão pelos museus, uma atração pelos animais e, em meio a tudo isso, um sentido agudo do instante. (Bellour, 1997, p.170).

Esse resumo dá uma notícia bem clara do lugar original que o filme de Chris Marker ocupa na história do cinema, combinando de modo concentrado todas essas linhas de força.

A montagem utilizada por Chris Marker não é apenas recurso cinematográfico comum, mas um convite à reflexão, que resulta do modo inesperado como combina texto e imagem. Os sentidos e as intenções nunca são dados diretamente, é mais um jogo de pistas, de escondidas, que nos convida a entrar no jogo e tentar decifrar o enigma do filme. Um quebra-cabeça que pede para ser montado. Mas, no final, não há uma figura perfeita, as peças não se encaixam, o rumo da história fica em aberto. Pois as peças que se encaixam e montam figuras perfeitas são ilusórias, uma falsa reconciliação com a catástrofe.

O filme de Chris Marker é uma resposta forte ao problema de como representar as catástrofes sem estetizar a violência, fazendo da dor dos outros espetáculo e fruição, para lembrar aqui Susan Sontag. Escapa assim do difícil problema de não tornar mercadoria as imagens do horror e do sofrimento humanos. Na contramão do capitalismo, *La jetée* alia uma ética rigorosa e formas estéticas altamente concentradas e elaboradas.

A mercantilização da crueldade e do sofrimento humanos não foi inaugurada, como se costuma expor, na I Guerra Mundial, quando o advento da câmera fotográfica possibilitou que fosse a primeira a ser coberta de modo jornalístico, de modo que suas imagens mais dolorosas e chocantes fossem publicadas ao lado de propagandas (Sontag, 2003, p. 23). É possível argumentar, como o faz Simone Weil (1996), que desde a antiguidade clássica, por exemplo, na *Iliada*, o problema já se colocava, portanto muito antes da moderna reprodução técnica.

Em Baudelaire já se percebia uma crítica à enxurrada de notícias de atrocidades que um indivíduo alternava entre um gole de café e outro, logo de manhã. Dizia o poeta, numa página de seu diário do início da década de 1860, ser “impossível passar os olhos por qualquer jornal, de qualquer dia, mês ou ano, sem descobrir em todas as linhas os traços mais pavorosos da perversidade humana” (*apud* Sontag, 2003, pp. 89-90).

Mas foi ao final da II Guerra Mundial que tivemos esse fenômeno elevado ao paroxismo. Surge uma avalanche de filmes e documentários explorando os aspectos mais cruéis e impressionantes que a guerra gera. “A guerra despoeva, despedaça, separa, arrasa o mundo construído” (Sontag, 2003, p. 27). São imagens de ruínas, destroços arquitetônicos

e de corpos humanos, exploradas com a função de chocar o público. Diante de imagens que chocam temos dois problemas: a *estetização do sofrimento* e o *embotamento da memória*. O exagero de imagens aflitivas, em vez de provocar a reflexão crítica, impossibilita a compreensão e dificulta o trabalho da memória – ainda segundo Susan Sontag, em *Diante da dor dos outros*. É na contramão desse comércio da dor e da indústria do sofrimento que se situa o trabalho de Chris Marker.

É uma boa tarefa despertar a curiosidade por esse muito original *bricoleur* ainda tão pouco conhecido no Brasil. Não é tarefa simples. O problema começa com o difícil acesso a suas obras e continua com o anonimato longamente cultivado pelo próprio Marker, que se esquivou sempre da exposição pública, deixando no caminho apenas escassos comentários. Interpretar *La jetée*, como qualquer obra de Marker, nos faz sentir como funâmbulos, com o constante risco de cair, sentindo a vertigem que suas obras provocam. Uma vasta obra, que atravessa quase todo o século XX, formada por filmes, fotos, poemas, romances, ensaios. E, não se poderia deixar de mencionar: ele ama os gatos! Quando lhe pedem fotos de sua pessoa, costuma, justamente, mandar fotos e imagens de gatos.

Quem está por trás do francês Christian Bouche-Villeneuve, que atende pelo pseudônimo de Chris Marker? Antes de tudo, um homem que despista quando se trata de sua origem. Daí seus documentários que viajam por todas as partes do mundo, não com a costumeira intenção de mostrar o exótico, o diferente, mas de tomar distância de qualquer localismo nacional, tornando-se cidadão de todos e de nenhum país. Como se falasse sempre a partir de um país distante, ao mesmo tempo real e imaginário, acentuando o estranhamento causado pela montagem de imagem e texto. Sua biografia indica um homem de esquerda, nascido no começo da década de 1920, estudante de literatura e filosofia, fotógrafo e cineasta de primeira linha, poeta e ensaísta, que vê seus estudos de filosofia interrompidos pela II Guerra. *La jetée*, seu filme de que mais gosta, está situado no período que vai da Resistência à ocupação nazista até a Nouvelle Vague, projeto do qual participa.

No entanto, por que Marker? Quando se inscreve no curso de Filosofia, eclode a II Guerra Mundial, durante a qual se junta às tropas norte-americanas como pára-quedista. Tem como função fazer as

anotações durante os sobrevôos. Daí resultaria o pseudônimo Marker – aquele marca, anota. A segunda hipótese, a que mais nos agrada, é citada em livro que reúne artigos e comentários de seus filmes (*Chris Marker, bricoleur multimídia*, resultado de uma homenagem feita ao artista francês no Centro Cultural Banco do Brasil em 2009). Nesse livro se lê que, em um filme de Alain Resnais, aparecem como colaboradores Chris e Magic Marker – em referência à marca de rotuladores. Daí teria derivado o pseudônimo Marker, relacionado àquilo que no Brasil chamamos de marca-texto. É justamente o que Chris Marker faz em seus trabalhos – marca, ressalta, monta, destaca os pontos importantes. Fique como exemplo a fotografia, base da montagem de *La jetée*, já que escolher um ângulo e um foco significa excluir o entorno. Isso é uma maneira de marcar. A cuidadosa e elaborada escolha dos textos, sempre poéticos e reflexivos, na sua original relação com as imagens, também é um modo de marcar.

O uso que faz dos artifícios que tem em mãos é duplo: ressaltar e ao mesmo tempo criar. Então, aceitamos a imagem de Marker como marcador. Quando se pega um texto marcado, os olhos involuntariamente se dirigem àquele trecho. A obra de Chris Marker, digamos, é integralmente grifada e marcada, pois não há uma só cena ou texto que possa ser considerado menor. Um modo de perceber isso com clareza é a comparação entre *La jetée*, a montagem de fotos que revoluciona a relação imagem-texto, e o livro que reproduz cada imagem e cada texto do filme, a seu modo, reinventando o romance. O filme como um *photo-roman*, o livro como um *ciné-roman*. No livro-romance, as imagens fixas, página após página. No filme, o sentido dado pela forma da montagem de imagem e texto.

A essa altura, cabe perguntar: por que um filme-romance com imagens paradas, aparente paradoxo diante do cinema como imagens em movimento? Para representar a vida fragmentada, aos pedaços? Um novo romance, um novo cinema, que represente a fragmentação da vida? Pode ser que sim. Um ensaio aberto, jamais totalizado e fechado, pedindo sempre a ativa colaboração do leitor-espectador diante da radical estranheza que provoca. Passando ao largo da ilusória representação da *fachada falsa da realidade*, levando longe o princípio da forma anti-

ilusionista na arte. Sem deixar espaço para reconciliações inexistentes com o mundo injusto.

Vale lembrar que Marker participou da direção de *Noite e nevoeiro*, de Alain Resnais. Diversas imagens de *La jetée* se assemelham a imagens do filme de Resnais. As marcas nos muros podem ser comparadas aos arranhões dos judeus nas câmaras de gás. A loucura e a morte de prisioneiros do campo em *La jetée* lembram o que acontecia com os judeus nos trens que os levavam para os campos de concentração. O sono, que acompanha as experiências, é ameaçador. Em *Noite e nevoeiro* há imagens marcantes de judeus que morriam de olhos abertos, pois dormir prenunciava a morte. O medo ininterrupto. Uma sociedade marcada pelo terror. Junto com o clássico *Shoah*, de Claude Lanzmann, são pontos de referência sobre o problema de representar o irrepresentável, nomear o inominável, dar forma ao mal absoluto, sem estetizar o extremo estado de exceção.

A estranha combinação de vida comum, banal e cotidiana, e a extrema brutalidade dos estados de exceção. Como se lê no texto de Jean Cayrol em *Noite e nevoeiro*:

Mesmo uma paisagem tranquila... mesmo uma pradaria com voo de corvos, messes e jogos de ervas... mesmo uma estrada onde passam carros, camponeses, casais... mesmo uma aldeia para férias com um campanário podem levar simplesmente a um campo de concentração. (Resnais, 1955-56).

La jetée se situa no contexto de um estado de exceção. Alude à II Guerra e aos campos e aos nazistas. Mas se passa depois de uma imaginada III Guerra. Feito no começo da década de 1960, não é difícil relacionar esse imaginário com o clima de medo da Guerra Fria, com o relógio sempre se aproximando da meia-noite do mundo, o final dos tempos, o apocalipse nuclear. Imaginação da última catástrofe, o último lance da dialética da razão ocidental, o progresso produzindo um máximo de regressão.

Seu protagonista, um prisioneiro de guerra, tenta mas não consegue ser o último refúgio da variedade da vida, do amor, da beleza, dos parques, dos jardins, das crianças brincando a céu aberto. Daí a dureza

e a delicadeza de toda a montagem do filme, contrapondo as dez mil avenidas incompreensíveis da Paris devastada à memória do protagonista. Ao mesmo tempo, uma história de amor, um estado de exceção, uma ficção científica, um bestiário – e os movimentos da memória. Os ilusórios movimentos da memória, incertos e imprecisos. Como o protagonista, que persegue a imagem da mulher, que no meio do filme se move ao despertar, uma forma da beleza em meio ao horror. No vértice, o impossível retorno, a linha de fuga que não existe, a reconciliação que não há. Mesmo em sua mais íntima e querida memória o protagonista é vigiado e controlado. A volta ao passado não leva à mulher amada. O paraíso da infância é mera ilusão. O círculo se fecha. A última cena é o momento de sua própria morte.



Referências

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo e Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BELLOUR, Raymond. *Entre-Imagens: foto, cinema, vídeo*. Campinas: Papirus, 1997.

EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LECONTE, Bernard. *Approche d'un film mythique*. Paris: L'Harmattan, 2009.

MARKER, Chris. *O bestiário de Chris Marker*. Lisboa. Horizonte, 1986.

MARKER, Chris (Dir.). *La jetée*. França, 1962. Argumento, realização e câmera: Chris Marker. Comentário: Chris Marker. Narrador: Jean Négroni. Montagem: Jean Ravel. Música: Trevor Duncan et Choeurs de la cathédrale St. Alexandre-Newsky. Elenco: Hélène Châtelain, Davos Hanich, Jacques Ledoux, André Henrich, Jacques Branchu, Pierre Joffroy, Etienne Becker, Philbert von Lifchitz, Ligia Borowczyk, Janine Klein, Bill Klein, Germano Faccetti.

POURVALI, Bamchade. *Chris Marker*. Paris: Cahiers du cinéma, 2004.

RESNAIS, Alain (dir.). *Noite e nevoeiro*. França, 1955-56. Comitê de História da II Guerra Mundial do Governo Francês, Gabinete do Primeiro Ministro. 1 filme (32 min.), son., col. e P&B, 35mm. Título original: Nuit et Brouillard. Texto: Jean Cayrol.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEIL, Simone. *A Ilíada* ou poema de força. In: *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Resumo

Este artigo analisa a forma e o sentido do foto-romance *La jetée*, de Chris Marker, uma experiência muito original na história do cinema moderno. O objetivo é mostrar as linhas de força do filme pelo ângulo da Teoria Crítica.

Palavras-chave

Cinema; Fotografia; Literatura; Teoria Crítica.

Recebido para publicação em
20/03/2011

Abstract

This article analyses the form and meaning of Chris Marker's photo-novel *La jetée*, a very original experience in the history of modern cinema. It aims to show the power lines of the film from the angle of Critical Theory.

Keywords

Cinema; Photography; Literature; Critical Theory.

Aceito em

12/05/2011